

Olhares etnográficos acerca dos saberes e fazeres domésticos de mulheres que costuram

Karen Ambrozi Käercher¹

Jurema Brites²

No momento da graduação em que pesquisei o exercício da costura em atividades masculinas (alfaiates) e femininas (costureiras a domicílio), pude observar que o trabalho feminino era visto hora apenas como “ajuda” para os alfaiates, hora como um *hobby* para moças, ou seja, era visto como um trabalho que possuía menos rigor técnico e por isso era menos qualificado que o trabalho dos homens. O motivo que me fez pensar que o trabalho da costureira a domicílio fosse visto como um trabalho “menor” se deve ao fato de que enquanto os homens alfaiates exercem (ou exerciam, vista a escassez dessa profissão contemporaneamente) o seu ofício de fora das casas, ou pelo menos sem o compromisso com as atividades domésticas, as mulheres têm em suas próprias casas – nas salas que se transformam em pequenos ateliês de costura, onde os retalhos jogados no chão formam novos tapetes e o som da máquina de costura se mistura com o áudio da novela das oito - o seu ambiente de trabalho. Assim, sua atividade de costura (rentável ou não) se mescla com o trabalho doméstico paulatinamente relegado ao feminino – portanto, é neste contexto que pretendo seguir objetivando minha pesquisa com o intento de investigar o saber/fazer de mulheres em sua maioria mais velhas e que ainda tem na costura uma atividade constitutiva do ambiente doméstico, e que é também atravessada pelos demais trabalhos realizados no interior do lar, que serão tomados nesta pesquisa como saberes femininos presentes no cotidiano.

Dessa forma, compreendo o espaço doméstico como um importante gerador de saberes e fazeres constituídos numa rede de transmissão feminina, e diante das

¹ Aluna do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria.

² O recorte desta pesquisa é uma construção empírica da primeira autora, com participação da Professora Doutora Jurema Gorski Brites que atuou como orientadora.

transformações tecnológicas que o afetam (da invenção do fogão elétrico até o forno microondas ou da dispensa da máquina de costura para a essencialidade da máquina de lavar), demográficas (alteração no tamanho das famílias e composição do grupo doméstico), do mundo do trabalho (entrada da mulher no mercado de trabalho e efetiva instalação da indústria de confecção de roupas) como a prática da costura perdura no cotidiano das mulheres que costuram?

Muitos dos demais trabalhos acerca da temática “costura” se restringem a áreas mais técnicas do conhecimento, mesmo os trabalhos históricos caminham por outras direções e acabam por privilegiar o vestuário e a moda ao invés das trabalhadoras. Diante disso, reforço a relevância de estudar temas como este em nossa área de conhecimento, dando ênfase para as narrativas e memórias sobre a costura e demais saberes que circundam o ambiente doméstico das mulheres comuns.

Por isso, neste contexto da costura a qual me proponho falar, temos como sujeitos transmissores dos saberes, geralmente, mulheres mais velhas que aprenderam as técnicas desta atividade com suas mães, avós e/ou tias e que transmitem estes saberes para suas filhas, netas e/ou sobrinhas. Essa imagem da mulher sábia, “*grand-mère*” e transmissora de saberes é configurada no ambiente doméstico, e mesmo que este seja lido por muitos como um tradicional ambiente de confinamento para as mulheres, é nele em que elas desenvolvem as estratégias que a vida comum exige. Ou seja, o cotidiano se dá no espaço doméstico onde existe uma contínua produção de significados, e onde detenho o compromisso de narrar práticas e artes de fazer das mulheres que costuram.

Seguindo as trilhas analíticas de Michel Foucault (1987), entendo os saberes e fazeres femininos como um tipo de saber/fazer que estaria mais ligado ao meio popular, obedecendo a um regime de verdade diferente da ordem científica da construção do que vem a ser um conhecimento. Quer dizer que, o saber construindo pelas mulheres dentro do ambiente doméstico não envolve apenas o mundo racionalizado, mas envolve também um universo que é afetivo e corporal fundado

num fazer puramente experiencial. E que por conta disso, constitui-se como um saber pouco reconhecido. Saberes como cozinhar, fazer remédios, benzer, bordar e no caso do meu recorte de pesquisa, costurar, não são saberes reconhecidos como qualificados porque são construídos cotidianamente dentro da família.

É ainda interessante ressaltar que, o alicerce metodológico desta pesquisa soma os fatores etnografia, história e memória a fim de desenhar o método etnográfico de duração. É através das autoras Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013) que alicerço essa metodologia pautada numa dinâmica temporal em que as narrativas, as fotografias, os vídeos, as formas de sociabilidade no cotidiano, os arranjos de vida, etc., constituem memórias que quando se encontram, constroem incessantemente as identidades da pesquisadora e das interlocutoras no espaço doméstico.

A proposta é situar a costura como objeto temporal, que dura pela sobreposição do tempo no mundo, das práticas e das memórias. Mas apesar desse estilo de etnografia enfatizar essa dialética temporal e imaginativa criadora como duração das cidades, e nesse caso, da costura, como uma continuidade, é preciso atentar para as mudanças, pois a costura é um elemento de duração sempre em transformação. Ou seja, a costura persiste ao longo de tempo, mas de maneiras diferentes de acordo com cada tempo histórico. Hora a costura possui centralidade na vida das mulheres, hora ela desaparece por gerações. Em outros momentos a costura pode também ser aproveitada como uma oportunidade de trabalho que complementa a renda ou até mesmo que sustenta a casa sendo realizada a domicílio ou nas grandes fábricas de confecções. A costura pode até mesmo ser retomada nos tempos atuais, junto com os bordados, como uma forma de subversão feminista em que as mulheres ressignificam uma atividade que por muito tempo foi tomada como mantedora de estereótipos de feminilidade. Sem me esquecer de mencionar a alta costura no mundo da moda, passando pela primeira estilista mulher Rose Bertin, costureira de Maria Antonieta, e pela importantíssima revolucionária dos trajes femininos Coco Chanel. Como podemos observar, algumas dessas



transformações acontecem em decorrência da profunda industrialização, ou dizem respeito a oscilações nos estilos de vida e na mudança de ideias que vão sendo incorporadas nas narrativas das mulheres pesquisadas.

Referências Bibliográficas:

- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia da Duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas: Porto Alegre: Marcavizual, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.